

**HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E**

**VULNERABILIDADES SOCIAIS**

**PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido**

## **CULTIVANDO EXPERIÊNCIAS RURAIS: SEMEANDO COM O PÚBLICO E COLHENDO NOVOS ESPAÇOS DE MEMÓRIA**

SOUZA, Gabriel H. de<sup>1</sup>

### **Resumo:**

O presente artigo pretende apresentar uma pesquisa que está em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em História Pública (PPGHP), campus de Campo Mourão. Na trajetória desta pesquisa, buscarei escutar as memórias dos trabalhadores rurais da cidade de Araruna-PR, acolhendo as suas experiências vividas que por vezes foram apagadas da história local. Como seria a história de Araruna contada pelas lentes dos trabalhadores rurais? Busco conhecer os seus saberes, fazeres, ensinamentos e as suas práticas socioculturais em Araruna. No diálogo com o aporte teórico-metodológico de Walter Benjamin pretendo trabalhar com os conceitos de memória, narrativa, experiência, rememoração e com Edward Palmer Thompson as noções de cultura, experiência e modos de produção de conhecimento histórico. Para colocar em ação a pesquisa, estimularemos os trabalhadores rurais a participarem de práticas de rememoração expressas em narrativas orais. As narrativas produzidas serão compartilhadas em uma mostra cultural em um espaço virtual (site). Essa pesquisa se insere na interface com o movimento da História Pública, assumindo o itinerário de uma história feita com o público pela via da autoridade compartilhada (FRISCH, 2016) e para o público (SANTHIAGO, 2018).

**Palavras-chave:** História Pública; Memória; Trabalhadores rurais.

### **1. Plantando as primeiras sementes da pesquisa**

Há tantas memórias perdidas entre nossa trajetória...  
Mas algumas permanecem, apesar do tempo,  
Das outras lembranças que constantemente  
Entram em nossas vidas e da distância que estas estão do presente.  
Há lembranças que nos remetem a bons momentos e ao pensarmos,  
Nos deparando sorrindo ao voltar ao tempo.  
Outras, apertam nossos corações.  
Pequenos momentos que nos machucaram em um determinado tempo  
E que hoje não nos machucam mais.  
Mas quando as lembranças surgem,  
As feridas que pareciam estar cicatrizadas voltam a incomodar.

---

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História Pública (PPGHP), Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), Universidade Estadual do Paraná – Campus de Campo Mourão; gabrielhenriquesouza21@hotmail.com.

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

## VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

As lembranças são importantes, pois demonstram pedaços de nós, E que se juntarmos cada um destes e reconstruir, surgirá o que somos hoje. Cada detalhe, cada atitude, cada marca representa o que vivemos dia-a-dia.

**Sarah Marcondes Lapenna**

Pensar os caminhos da memória nos dias atuais é algo quase que comum à toda humanidade. Desde os acontecimentos da Primeira e Segunda Guerra Mundial, quando soldados voltaram sem voz para relatar as atrocidades do campo de batalha (BENJAMIN, 1985), a memória passou a ser comercializada e vendida como mero produto. Huysen evidencia que a “cultura da memória” trouxe uma crescente comercialização bem estruturada da memória pela indústria cultural do ocidente, a partir de 1970, criando uma obsessão enorme por ela, não só no meio acadêmico, mas também na sociedade como um todo (2000, p. 15-16). Isso se acentua nos dias atuais, devido à pandemia da Covid-19, com diversos relatos sendo trazidos para partilhar como cada um viveu esse momento tão terrível na história da humanidade. Mas a memória é mais que um mero produto a ser comercializado pelas grandes mídias. Ela é vida, é parte do indivíduo que a conta, é entrelaçamento de vivências e experiências do ser que narra.

É com as palavras de Sarah Lapenna que dou início a este artigo. Nelas, vejo a questão que direciona esta pesquisa: a memória. Mas não apenas as memórias lembradas e comemoradas, mas também as esquecidas, que machucam e são difíceis de serem lembradas, que por vezes ficam às margens da narrativa histórica. Mais do que isso, é no trabalho com as memórias que me vejo como pesquisador, e é nelas que quero me debruçar durante minha jornada como historiador-pesquisador.

Para realizar esse trabalho, buscarei durante a pesquisa entrevistar 5 famílias, das quais todas sobrevivem do trabalho rural e residem na comunidade Lirial de São Luís. Dentre as questões centrais, tentarei não responder, mas sim problematizar: como seria a história de Araruna contada pela lente dos trabalhadores rurais? Quais os seus saberes, seus ensinamentos, que permanecem escondidos pela modernidade capitalista, e que impedem que esses sujeitos compartilhem seus modos de vivência? Antes de aprofundar sobre essas questões e os caminhos desta pesquisa, procuro trazer algumas colocações

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

## VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

sobre a História Pública que considero elementos importantes para o desenvolvimento deste debate, pois esse projeto se desenvolverá nesse movimento de reflexão e ação (SANTHIAGO, 2016).

### **1.1. Regando possibilidades com a História Pública**

Completando pouco mais de uma década, os debates sobre História Pública no Brasil se intensificaram desde o ano de 2011, quando foi desenvolvido o Curso de Introdução à História Pública, na Universidade de São Paulo (ROVAI, 2020, p.137). Desde então, a discussão sobre o trabalho do historiador no espaço público ganhou novos debates, trazendo algumas respostas, mas principalmente, indagações para o futuro do nosso ofício. Não busco aqui analisar onde surgiu a História Pública, quais seus objetivos e nem definir seu caráter teórico- metodológico, pois todas essas definições são amplas, e possuem diversos caminhos a serem trilhados e seguidos (SANTHIAGO, 2016).

Mesmo com esse amplo caráter de definição, algumas colocações sobre a História Pública são imprescindíveis para que algumas ideias sejam esclarecidas para discussão desta pesquisa. A começar pela emergência da História Pública: porque ela está sendo tão debatida nos tempos atuais? A História, por muito tempo, foi discutida prioritariamente para, com e pelos historiadores, se fechando em si mesma dentro das universidades e do ambiente da academia, deixando o público não acadêmico fora dos debates historiográficos. Mas além disso, a História Pública surge no ambiente acadêmico também com diversas críticas da própria academia, onde pesquisadores diziam (e ainda dizem) que a mesma não possui rigor científico, crítico e acadêmico (FAGUNDES, 2017). Tais afirmações apenas reforçam uma espécie de “autoridade” que certos historiadores acreditam ter sobre o passado, descartando e deixando de lado todas as discussões que envolvam o público.

Não é novidade que, dada à ampliação dos diversos públicos, outros grupos não formados na área, seja de intelectuais ou não, começaram a adentrar no campo da história, produzindo e compartilhando conteúdos para o público não acadêmico. Postagens em redes sociais, vídeos, blogs, sites, e uma infinidade de material continuou sendo

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

## VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

compartilhado, o que mostra que há um interesse pelo público em história, interesse esse que foi “saciado” durante muito tempo por não historiadores. Isso nos mostra que o movimento que começou em 2011 com o Curso de Introdução à História Pública, veio apenas para institucionalizar e debater de forma crítica ações que já estavam sendo colocadas em práticas durante muito tempo. É importante ressaltar que a História Pública não surgiu para desmerecer tais trabalhos já existentes, mas para estabelecer diálogos, críticas e possíveis debates interdisciplinares que possam ampliar formas de alcançar e dialogar com o público.

Santhiago, em suas reflexões, nos traz quatro percepções possíveis para se pensar a História Pública. Uma História feita *para* o público, *com* o público, feita *pelo* público e História *e* público. A História *para* o público prioriza, em um primeiro momento, a ampliação do público consumidor da História; já a História *com* o público busca construir e refletir com uma História colaborativa, feita em conjunto com o público, sem perder a especificidade científica no processo; a História feita *pelo* público se refere as formas não institucionalizadas de fazer História, muitas vezes são trabalhos relacionados diretamente com a memória; e por fim, a História *e* público, que estaria relacionada a reflexão crítica dos conceitos, métodos, teorias em torno da História Pública (SANTHIAGO, 2016). Minha preocupação durante a pesquisa, será sempre com a História feita *com* o público e a História feita *pelo* público, pois produzindo a partir dessas vertentes, uma História feita *para* o público será apenas consequência do trabalho conjunto.

Mas, afinal, que público seria esse? Quando discutimos sobre essa questão em meio a História Pública, diversos são os conceitos que podem surgir. Renata Schittino, ao debater o conceito de público, busca em Arendt e Habermas nos mostrar que somos seres que se relacionam a todo momento, e precisamos de certa pluralidade para nossa existência. Dentro dessa dinâmica, cabe ao historiador identificar com qual público ele está dialogando, não apenas tornando acessível a história, mas que ela faça sentido para as ressignificações desse público. Nesse sentido, penso a noção de público como compartilhamento, me aproximando mais da concepção de Arendt, que permite enxergar a História Pública, não como uma fronteira, e sim uma possibilidade de “olharmos para

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

# VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

os lados, para cima, para baixo e assumirmos esse mundo comum como um diálogo possível” (2014, p.46). Nas palavras de Schittino, podemos entender os pensamentos de Arendt sobre a noção de público, que nos mostra a oposição com a esfera privada:

Na concepção arendtiana, a questão da durabilidade do mundo deixou de ser o elemento central e deu lugar à preocupação com a riqueza. A contradição é que a única coisa que as pessoas têm em comum é a necessidade de proteger seus interesses privados. Nesse momento poder-se-ia falar de um desaparecimento de ambas as esferas. Da pública porque se tornou privada e da privada porque não poderia sobreviver sozinha. (2014, p.41)

Nesse sentido, a reflexão trazida por Schittino inspirada em Arendt nos mostra que, enquanto seres que se relacionam, precisamos de um espaço para o compartilhamento dessas ideias, angústias e sentimentos. Ao pensar tal sentido trazido pelas autoras, percebo o quanto esse espaço foi retirado dos trabalhadores rurais ao longo de suas vidas, muitas vezes destruídos pelo avanço da modernidade capitalista, que não viam mais “sentido” na existência de seus costumes. Os espaços onde os trabalhadores rurais compartilhavam suas experiências, seja em casa ou na comunidade, cada vez mais se encontram vazios, tanto de pessoas como de experiências.

Tendo tais discussões sobre História Pública, busco tratar agora sobre como surgiram as ideias para essa pesquisa e quais objetivos buscarei alcançar ao final de todo o trajeto.

## **1.2. Os primeiros brotos da pesquisa**

Em minhas experiências como voluntário no Projeto de Iniciação Científica (PIC), intitulado “Memórias na rede: o estudo do município de Araruna-PR a partir da contribuição da História Pública”, com o professor Jorge Pagliarini Junior e os acadêmicos Vinicius Lírio e Wendel Carvalho, buscamos acolher as memórias dos moradores ararunenses e compartilhá-las para um público mais amplo nas redes sociais. Todo esse processo foi feito a partir de mensagens enviadas via WhatsApp, pois, devido à pandemia do Covid-19, todo o processo metodológico da pesquisa precisou ser alterado. Mesmo com tais mudanças, a rede social “Histórias e Memórias de Araruna-PR” foi

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

# VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

criada no Facebook e Instagram, com mais de 50 contribuições, incluindo áudios, vídeos, relatos escritos, fotos e outros documentos que foram compartilhados durante 2020 e 2021.

Um grupo durante a pesquisa chamou minha atenção: os trabalhadores da zona rural. Foram poucos os sujeitos que enviaram algum material para a pesquisa, e aqueles que enviaram sempre diziam “mas isso não é relevante para a história da cidade” ou “ninguém tem interesse na minha história”. Não é raro para quem mora na zona rural ararunense ouvir falas como “nem sabia que essa comunidade era de Araruna” (e digo isso por ser morador de uma comunidade rural e por vezes ter ouvido tal fala). Com essa realidade, os trabalhadores rurais acabam tendo suas memórias silenciadas, tanto na narrativa histórica, quanto no espaço físico, pois as comunidades rurais ficam à quilômetros de distância da cidade. Nesse sentido, busco conhecer os seus saberes, fazeres, ensinamentos e as suas práticas socioculturais em Araruna. Como Araruna pode ser contada pelas lentes dos trabalhadores rurais? Quais trabalhadores rurais ousam compartilhar as suas experiências vividas na cidade? Penso que escutar os trabalhadores rurais a partir do seu universo social é uma das possibilidades de compreendermos a potencialidade das memórias para (des)velar o contexto social, histórico e cultural de uma dada época, bem como um ato de resistência ao apagamento de suas singularidades locais.

### **1.3. Cuidados no terreno da memória**

Durante a pesquisa, enquanto trabalho com a História Pública e história oral, a memória se torna mais do que um mero objeto, mas sim um meio potente para a produção de conhecimentos históricos e para estabelecer relações com o público (trabalhadores rurais) nessa pesquisa. Não se trata de trabalhar de maneira distante com as memórias, numa relação de posse e dominação. O trabalho com memórias como meio de produção de conhecimentos, nas palavras da professora Maria Carolina Bovério Galzerani (2008),

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

## VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

inspirada em Walter Benjamin<sup>2</sup>, é entender que, eu como pesquisador e os trabalhadores rurais como sujeitos, produzimos saberes no palco das memórias. Para a autora, a relação do pesquisador com as memórias das pessoas não é de exterioridade ou de posse do outro, nem mesmo de análises racionais explicativos para comprovação de fatos, mas uma relação dialógica, relacional no ato de produção de conhecimentos. “O pesquisador imerge no contato com as memórias para depois emergir enriquecido no contato com o outro” (GALZERANI, 2008). Benjamin trabalha com as memórias com um diálogo que se estabelece a partir da filosofia de Henri Bergson, mas também com a psicanálise de Freud e Jung, e também com os literatos, como Charles Baudelaire, Edgar Allan Poe e Marcel Proust. A memória para Benjamin não é um instrumento para a exploração do passado, mas o seu meio. “É uma memória carregada de conhecimento, de saberes experienciais. A memória é onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual as antigas cidades estão soterradas” (BENJAMIN, 1985, p. 239)

O trabalho com memórias tanto pode enveredar pela perspectiva da problematização dos abusos dos usos da memória, mas também não às posicionando como verdades absolutas, e sim resignificando-as na relação com as experiências vividas. Mas, como fazer isso em nossa sociedade, mergulhada na individualidade e no embotamento das experiências coletivas?

O pesquisador Elison Antonio Paim contribui com essa reflexão trazendo a concepção de História e tempo para Benjamin:

Benjamin nos convida a acolher uma concepção de história que dê conta do tempo presente. Um tempo saturado, de agoras (BENJAMIN, 1994), que rompe com a percepção de um tempo vazio e homogêneo. Nesta acepção, o historiador constrói experiências com o passado a partir do seu agora. Assim, a história se constrói no balizamento de experiências do passado e do presente. O autor captura a existência de disputas e tensões entre presente e passado. Diante de tal possibilidade, somos provocados a problematizar nosso presente em relação com o futuro. (PAIM, 2019, p.230)

---

<sup>2</sup> Walter Benedix Schönflies Benjamin, nascido em Berlim, conhecido crítico literário, filósofo, ensaísta, ficcionista e poeta, possui grandes contribuições para o debate em História Pública, com suas contribuições em relação a memória, história e outros conceitos que quebram a hierarquização de saberes.



# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

## VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Benjamin ainda possui outras contribuições pertinentes ao trabalho do historiador com as memórias, pois nos mostra que a produção de conhecimentos históricos acontece pelo método desviante. “O que são desvios para os outros, são para mim os dados que determinam minha rota – Construo meus cálculos sobre os diferenciais de tempo – que, para outros, perturbam as “grandes linhas” de pesquisa” (BENJAMIN, 2009, p. 499). É a partir das palavras de Benjamin que buscarei acolher as memórias dos trabalhadores rurais, aberto ao inesperado, ao inconcluso, ao insignificante, as miudezas de suas experiências vividas e vistos como sobras da historiografia tradicional.

Penso que esses trabalhadores rurais se aproximam da figura do “narrador” benjaminiano, aquele camponês sedentário que está há muito tempo na sua terra e tem saberes e ensinamentos a partilhar com as futuras gerações. Não é um narrador que fala, que reproduz uma série de informações, mas sim “o narrador benjaminiano que sabia dar conselhos” e que “expressa em palavras, mas não de forma cansativa e definitiva” as suas angústias e saberes em uma narrativa descontínua aberta a inúmeras possibilidades (FRANÇA, PAIM, 2018, p.42). A narrativa do narrador benjaminiano é “uma maneira artesanal de comunicação”, esta que vem se perdendo ao longo do processo de produção capitalista na modernidade, pois não encontra mais ouvintes para a partilha de narrativas e nem mesmo uma comunidade que desfruta de um mundo compartilhado com seus códigos, costumes e linguagens culturais. Trazer à tona esse narrador significa um ato de resistência ao apagamento das pessoas em suas comunidades, a diluição das singularidades locais e perda das referências de suas práticas socioculturais coletivas.

Evidencio uma crítica trazida por Rovai na qual ela afirma que “não se deve simplesmente popularizar as histórias esquecidas” destes trabalhadores e “criar um excesso de informações” (2018, p.189). A intenção dessa pesquisa caminha ao contrário desta ideia, buscando ouvir as experiências pessoais que se encontram com o coletivo, percebendo os interesses e as necessidades desses trabalhadores rurais (ALMEIDA, ROVAI, 2013).

Não se busca aqui arquivar nem entender completamente todas as memórias presentes nesses espaços, mas sim, ampliar suas vozes para que os diferentes grupos



# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

# VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

presentes na cidade interajam e conheçam essas experiências outras que estão presentes em Araruna, ampliando a dimensão humana e histórica dos indivíduos dos trabalhadores rurais que por vezes são marginalizados e deixados para fora de suas próprias histórias pela história oficial da cidade.

## 1.4. Possíveis frutos da pesquisa

Finalizo aqui apontando que a ideia desta pesquisa é trabalhar com o público através da “autoridade compartilhada”, conceito elaborado por Michael Frisch. Nele, pretendo ir além daquela hierarquização de saberes, e olhar com o público não como mero consumidor, mas sim como produtor de suas próprias experiências, transcendendo a ideia de “historiador/plateia” (FRISCH, 2016, p. 60). A autoridade compartilhada entende que “o processo de interpretação e construção de significados, é, por definição, compartilhado.” (FRISCH, 2016, p. 64). O autor também cita alegoricamente a ideia de que o espaço público digital é como uma cozinha, e nela todos podem participar e não apenas ficar esperando pelo jantar (2016, p. 65), e é nesse sentido que pretendo utilizar o espaço virtual, como um lugar em que os trabalhadores da zona rural possam ter um espaço para compartilhar suas experiências vividas em sua comunidade.

Fazendo relação com o título dessa pesquisa, busco a possibilidade de semear novas experiências com os trabalhadores rurais, mas também não deixando de lado aquelas sementes que caíram ao longo de suas jornadas, e no futuro, espero que cada broto de cada uma dessas experiências rememoradas possa render frutos, trazendo memórias destes e de outros trabalhadores rurais de volta a vida da cidade.

## Referências

ALMEIDA. Juniele Rabêlo ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (Orgs.). **História pública:** entre as “políticas públicas” e os “públicos da história. XVII Simpósio Nacional de História, Natal, 2013.

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

## VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

BENJAMIN, Walter. Teoria do conhecimento, teoria do progresso. In: BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009, p.499-530.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. 7. ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2008, p.197-221.

FAGUNDES, Bruno Flávio Lontra. **O que é, como e por que História Pública?** Algumas considerações sobre indefinições. In: VIII Congresso Internacional de História - XXII Semana de História - UNESPAR: PR, 2017. p. 3018 - 3026. Anais (on-line). Disponível: <http://www.cih.uem.br/anais/2017/trabalhos/3426.pdf>. Acesso em: 27 de agosto de 2021.

FRANÇA, Cyntia Simioni. PAIM, E. Memórias e Narrativas Benjaminianas. In: Elison Antonio Paim; Pedro Mülbersted Pereira; Ana Paula da Silva Freire. (Org.). **Diálogos com Walter Benjamin: memórias e experiências educativas**. 1. ed. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, v. 1, p. 9-335, 2018.

FRISCH, Michael. A história pública não é uma via de mão única, ou, De A Shared Authority à cozinha digital, e vice-versa. In MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo; SANTHIAGO, Ricardo (orgs.). **História Pública no Brasil: Sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 57-70.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, história, testemunho. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). **Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: EdUNICAMP, 2001, p. 85-94.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. **Imagens que lampejam: ensaios sobre memória, história e educação das sensibilidades**. Editora: FE-Unicamp, p.9-10, 2021.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. **Imagens que lampejam: contribuições de Walter Benjamin para a produção de conhecimentos históricos**. Encuentro de Saberes. Luchas populares, resistências y educación, Buenos Aires, v. 1, p. 53-64, 2013a.

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

# VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. A produção de saberes históricos escolares: o lugar das memórias. In: **O Historiador e seu tempo**. Unesp, p.72-77, 2008.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Memória, tempo e história: perspectivas teórico-metodológicas para a pesquisa em ensino de história. In: **Cadernos CEOM**, n.28. Chapecó-SC: Unochapecó, p.82-90, 2008b.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Imagens entrecruzadas de infância e de produção de conhecimento histórico em Walter Benjamin. In: Goulart de Faria, Ana Lúcia; Fabri, Zeila de Brito; Prado, Patrícia Dias (org.) **Por uma cultura da infância**. Metodologias de pesquisa com crianças. Campinas, SP: Autores Associados, p.154-171, 2002.

PAIM, E. A.. **Histórias da Educação Brasileira**: uma busca (necessária) pelas memórias e experiências outras. In: Cristiano Ferronato; Ane Luise Mecnas Santos. (Org.). Práticas educativas na tessitura do tempo. 1ed.Aracaju: EDUNIT, 2019, v. 1, p. 225-245.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. Publicizar sem simplificar: o historiador como mediador ético. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo & MENESES, Sônia (orgs.) **História pública em debate**: patrimônio, educação e mediações do passado. São Paulo: Letra e Voz, 2018, p. 185-196.

SANTIAGO, Ricardo. Pode-se falar de uma história pública brasileira? In: MAUAD, Ana Maria; SANTIAGO, Ricardo; BORGES, Viviane Trindade (orgs.). **Que história pública queremos?** / What public do we want?. São Paulo: Letra e Voz, 2018. p. 323-330

SCHITTINO, Renata. O conceito de público e compartilhamento da história. In MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTIAGO, Ricardo (orgs.). **História Pública no Brasil: Sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SHOPES, Linda. A evolução do relacionamento entre história oral e história pública. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTIAGO, Ricardo (orgs.) **História pública no Brasil: Sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 71-84.

**HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E**

**VULNERABILIDADES SOCIAIS**

**PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido**

VEDOVATO, Fabio. **(Com)partilhando as memórias das experiências dos professores na interface com os patrimônios culturais.** Tese (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Paraná. Campo Mourão, 2021, p.77-83.